

ABORDAGEM LINGUÍSTICO-ECOSSISTÊMICA DA LINGUAGEM RURAL: UMA PRIMEIRA APROXIMAÇÃO

LINGUISTIC-ECOSYSTEM APPROACH TO RURAL LANGUAGE: A FIRST APPROXIMATION

Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto*

RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar alguns dos primeiros resultados de uma pesquisa sobre a variedade do dialeto rural brasileiro falada no povoado de Major Porto, município de Patos de Minas. As bases teóricas e a metodologia são as da linguística ecossistêmica, uma das variantes da ecolinguística. Ele apresenta alguns dos principais conceitos da teoria que serão utilizados na pesquisa. Apresenta também alguns dos primeiros resultados já encontrados na área da sintaxe, da fonologia e da léxico-semântica. Esses dados foram coletados junto a duas informantes. O pano de fundo de toda a investigação é mostrar o que o dialeto tem, não o que ele não tem, como “ausência de concordância”, focalizando exclusivamente nele, não nele comparativamente à “língua padrão”.

Palavras-chave: Dialeto rurais. Dialeto urbanos e estatal. Ecolinguística. Linguística ecossistêmica. Método da focalização.

ABSTRACT

The objective of this article is to present some preliminary results of a research conducted in the small community of Major Porto, Minas Gerais, Brazil. The theoretical basis is ecolinguistics, above all its branch called ecosystemic linguistics. Some of the main concepts and categories of this theory are presented. The article also presents some results found in the area of syntax, phonology and leixo-semantics. The data were collected with two female informants. It is shown that the local dialect is a reality per se, not derived from “standard” Portuguese, as is the case with traditional treatments saying that it “does not have verb-subject agreement” and so on. This is done by focussing in the dialect itself, not as a derivative of urban Portuguese.

Keywords: Rural dialects. Urban and state dialects. Ecolinguistics. Ecosystemic linguistics. Focussing method.

* UFG/NELIM/CNPq.

1 INTRODUÇÃO

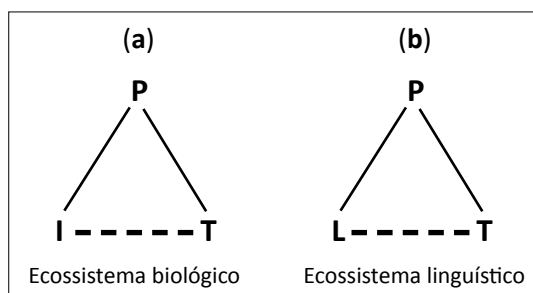
O meu objetivo neste artigo é apresentar um pouco das bases teórico-metodológicas utilizadas no Projeto de Pesquisa (PQ) do CNPq que estou começando a desenvolver, bem como avançar algumas interpretações iniciais dos dados coletados preliminarmente. Como a pesquisa está ainda no começo, até agora foi feita apenas uma visita à comunidade de fala objeto da investigação, o povoado de Major Porto, localizado no município de Patos de Minas (MG). Nessa primeira visita, apenas duas mulheres foram entrevistadas. Mas estão previstas mais três idas a campo a fim de entrevistar mais 14 pessoas, perfazendo um total de 16. Com isso, creio conseguir uma amostragem que pode ser considerada representativa da comunidade de fala local.

A base teórica para a fase inicial do projeto é a **linguística ecossistêmica** (FINKE, 1996; TRAMPE, 1996; STROHNER, 1996; COUTO, 2015). Entre os conceitos mais importantes dessa vertente da ecolinguística para a pesquisa salientam-se: ecossistema linguístico, que pode ser visto como comunidade de língua ou como comunidade de fala. No interior desse ecossistema, o conceito central é o de interações. Veremos que a língua é interação comunicativa, não instrumento para ela. Por isso, o núcleo da língua é constituído pelas regras interacionais, não pelo “sistema” (“estrutura”, “gramática”). Pelo contrário, as regras sistêmicas (gramática) são parte das regras interacionais.

Como pano de fundo de todo este artigo, está a intenção de mostrar que a linguagem de Major Porto, ou de qualquer comunidade rural brasileira, não é derivada do português urbano nem, muito menos, do português estatal. Ela é uma realidade em si e por si, mesmo estando relacionada de alguma forma à linguagem urbana e à estatal. Em conjunto, elas constituem a diversidade “dialetoal” brasileira.

2 ECOSSISTEMA LINGUÍSTICO

A fim de estudar a linguagem de Major Porto ecolinguisticamente, é preciso começar apresentando alguns dos conceitos ecolinguísticos mais relevantes para a pesquisa. Como a versão da ecolinguística que utilizo no projeto é a **linguística ecossistêmica**, a primeira coisa a fazer é explicitar que ela é assim chamada pelo fato de partir do conceito central de ecologia, o ecossistema, cujo conceito central, por sua vez, é o de interações: conceito central da ecologia, ecossistema; conceito central do ecossistema, interações. Como não poderia deixar de ser, o conceito central da linguística ecossistêmica é o **ecossistema linguístico**, perfeitamente paralelo ao ecossistema biológico; o conceito central do ecossistema linguístico é o de língua/linguagem (L), equivalente das interações (I) do ecossistema biológico. Isso já antecipa a noção de língua linguístico-ecossistemicamente: ela é um tipo de interação, no caso, **interação comunicativa**. Na figura a seguir, pode-se ver uma representação dos dois ecossistemas, para fins de comparação.



O fato de o ecossistema biológico constar de IPT e o linguístico de LPT mostra que língua/ linguagem (L) é equivalente de interação (I), como acaba de ser visto: L é o I do ecossistema linguístico. Mais precisamente, a língua não é instrumento para a comunicação nem para a expressão do pensamento. Ela é a própria comunicação ou expressão do pensamento; ela é **interação comunicativa**. Por essa razão, as **regras interacionais** que governam a interlocução (diálogo, interação comunicativa) são o núcleo da língua, não as **regras sistêmicas** (estrutura, gramática). Contrariamente à visão tradicional, segundo a qual as regras interacionais são uma espécie de estratégias para pôr as regras sistêmicas em funcionamento, são as regras sistêmicas que fazem parte das regras interacionais. Tanto que na seção 3, abaixo, as primeiras constituem o conjunto de regras interacionais de número 15.

Há muitos outros conceitos no interior do ecossistema linguístico. Por exemplo, ele contém em seu interior o ecossistema social, o ecossistema mental e o ecossistema natural. No interior de todos eles o conceito central é o de interação, vindo os demais em seguida a ele. Para os objetivos deste ensaio e do projeto que ele começa a apresentar, é importante ressaltar que o ecossistema linguístico pode ser visto de duas perspectivas: a da comunidade de língua e a da comunidade de fala, das quais falarei logo a seguir.

2.1 COMUNIDADE DE LÍNGUA

Comunidade de língua é o domínio do que até o leigo chama de língua. Se perguntarmos qual é o domínio da comunidade de língua portuguesa a qualquer pessoa com um mínimo de informação, ela certamente dirá que ele compreende Portugal, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe e Timor Leste e, talvez, alguns bolsões de imigrantes portugueses, como o de Boston nos Estados Unidos, o da França e o de Andorra.

Quando falamos em comunidade de língua estamos pensando no sistema, no domínio das regras sistêmicas, a *langue* de Saussure. É o ecossistema linguístico visto da perspectiva do que a tradição tem chamado de “gramática” ou “estrutura”, independentemente de seu uso. Mesmo quem nunca viu um português ou um moçambicano, sabe que ele deve dominar o sistema da língua portuguesa.

Algumas teorias linguísticas veem a língua basicamente desta perspectiva. É o caso de praticamente todas as versões do estruturalismo linguístico, sobretudo a gramática gerativa. Para elas, a língua é um conjunto de regras (sistêmicas) que permitem aos que as dominam formular enunciados para se comunicar com o respectivo ouvinte. O uso, a fala, a interação comunicativa é tributária desse sistema. Expressar-se para se comunicar com alguém é pôr essas regras em prática, como se pode ver até na teoria da enunciação, que representou um grande avanço no seio do estruturalismo europeu. De acordo com seu criador, Émile Benveniste, “a enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 1989, p. 82): “língua” para ele é a *langue* de Saussure, e “ato individual de utilização” é a *parole*. É bem verdade que no seio do próprio estruturalismo europeu temos pelo menos um autor que vê a língua como fundamentalmente interação. Trata-se de Eugenio Coseriu, que em toda sua obra enfatizou que a língua real está na fala, na interação. O sistema é um construto forjado pelos linguistas ao observar os **atos de interação comunicativa**, embora ele não tenha usado esse termo. Para ele, “mientras que la lengua se halla toda contenida en hablar, el hablar no se halla todo contenido en la lengua” (COSERIU, 1967, p. 287).

Por este e outros motivos, a perspectiva do ecossistema linguístico mais importante para pesquisas como esta é a da comunidade de fala. É a ela que está dedicada a seção seguinte.

2.2 COMUNIDADE DE FALA

Se a comunidade de língua encontra-se onde se encontra independentemente do observador, a **comunidade de fala** é delimitada por ele. É o ecossistema linguístico com mais afinidade com o ecossistema biológico, também delimitado pelo pesquisador. Em consonância com o conceito biológico de ecossistema, o linguista ecossistêmico pode delimitar todo o domínio da língua portuguesa como a comunidade de fala que vai investigar, caso em que teríamos a **comunidade de fala máxima**, que coincidiria com a comunidade de língua. Pode também delimitar dois interlocutores em diálogo, o que constituiria a **comunidade de fala mínima**. No entanto, ninguém se dedicaria a esses dois casos extremos como comunidade de fala. A regra é o ecolinguista delimitar domínios intermediários, menores. Assim, ele pode delimitar o Brasil todo como sua comunidade de fala, por exemplo, se for fazer um apanhado geral do português brasileiro. Pode delimitar só o estado do Rio de Janeiro, ou até a própria cidade do Rio de Janeiro. Mas, pode também delimitar domínios menores dessa cidade, como o bairro do Flamengo. Inclusive um quarteirão desse bairro pode ser visto como uma comunidade de fala. Mais, ele pode delimitar uma família desse bairro, caso em que P seria constituído de pai, mãe e filhos, T seria o domínio de sua residência e L seria constituído pelos **padrões interacionais** aí vigentes, basicamente o dialeto carioca, mas, certamente, com algumas especificidades da própria família, os padrões interacionais. Por fim, o linguista poderia delimitar dois membros dessa família em interlocução, caso em que teríamos uma comunidade de fala mínima. Para mais discussão sobre comunidade de fala, pode-se consultar Couto (2016).

No meu caso, delimito o povoado de Major Porto como a comunidade de fala que vou investigar. Ele está situado no município de Patos de Minas, Minas Gerais. Este povoado tem aproximadamente 1.500 habitantes. A economia é eminentemente a agropecuária de subsistência. Embora já disponha de celulares, televisão e outros recursos, a vida local ainda é basicamente uma extensão da que existe na região rural circundante. A linguagem aí falada é uma variedade dos dialetos rurais brasileiros.

3 INTERAÇÕES

Como já vimos, interação é o conceito central do ecossistema biológico, logo, também o conceito central do ecossistema linguístico, sobretudo visto como comunidade de fala. Se na comunidade de língua o núcleo de L é o sistema, as regras sistêmicas (gramática), na comunidade de fala o núcleo de L é constituído de interação, as **regras interacionais**. A língua é interação, repetamos, **interação comunicativa**, comunicação, não instrumento de comunicação. Por isso as regras sistêmicas são o conjunto de regras número 15 das regras interacionais, uma vez que também elas existem para garantir o entendimento. Mas, deve ser ressaltado que se trata de regra-regulatividade, não de regra-regulamento, ou seja, regras que emergem da observação de atos de interação comunicativa concretos, como Coseriu sempre enfatizou. Eis a lista das regras interacionais detectadas até o momento.

Regras interacionais

- 1) F e O ficam próximos um do outro; a distância varia de uma cultura para outra ou conforme as circunstâncias.
- 2) F e O ficam de frente um para o outro.

- 3) F e O devem olhar para o rosto um do outro, se possível para os olhos.
- 4) F deve falar em um tom de voz mediano: alto demais será agressivo; baixo demais, inaudível.
- 5) A uma solicitação deve corresponder uma satisfação.
- 6) Tanto solicitação quanto satisfação devem ser formuladas em um tom cooperativo, harmonioso, solidário, com delicadeza.
- 7) A solicitação deve ser precedida de algum tipo de pré-solicitação (por favor, oi etc.).
- 8) A tomada de turno: enquanto um fala, o outro ouve.
- 9) Se o assunto da interação for sério, F e O devem aparentar um ar de seriedade, sem ser sisudo, carrancudo; se for leve, um ar de leveza, com expressão facial de simpatia (leve sorriso, se possível); a inversão dessas aparências pode parecer antipática, não receptiva etc.
- 10) F e O devem manter-se atentos, “ligados” durante a interação, sem distrações, olhares para os lados.
- 11) Durante a interação, F e O de vez em quando devem sinalizar que estão atentos, sobretudo na interação telefônica, que ainda “estão na linha”.
- 12) Em geral, é quem iniciou a interação que toma a iniciativa de encerrá-la; o contrário pode ser tido como não cooperativo, não harmonioso.
- 13) Adaptação mútua: F deve expressar-se como acha que O entenderá e O interpretará o que F disse como acha que é o que ele quis dizer.
- 14) O encerramento da interação comunicativa não deve ser feito bruscamente, mas com algum tipo de preparação; quem desejar encerrá-la deve sinalizar essa intenção (tá bom, tá, é isso etc.).

15) Regras sistêmicas (inclui toda a ‘gramática’, a ‘estrutura’).

A linguagem de Major Porto será investigada da perspectiva dessas regras interacionais. Mas, como as regras sistêmicas fazem parte delas, pelo menos alguns aspectos sistêmicos (a “gramática” local) serão também investigados. Também elas contribuem para o entendimento.

4 REGRAS SISTÊMICAS

Começemos por um breve apanhado geral das regras sistêmicas vigentes em Major Porto que fazem parte das regras interacionais locais. Vale dizer, as regras sistêmicas que existem para o entendimento na interação comunicativa, embora elas possam ser infringidas, e com muita frequência são infringidas. Por exemplo, no enunciado *eu vi ele*, “eu” está antes do verbo para informar ao ouvinte quem praticou a ação de ver; “ele” está após o verbo para informar quem foi visto. Nesta seção, falarei de alguns aspectos da sintaxe e da fonologia da linguagem de Major Porto como elas são, não como derivadas da sintaxe e da fonologia do português “padrão”. Vou salientar alguns traços dessa linguagem, os traços que a constituem.

4.1 SINTAXE

Já na sintaxe a linguagem de Major Porto, assim como os dialetos rurais em geral, apresenta diversas especificidades relativamente ao português estatal e ao urbano. Na locução nominal, por exemplo, a flexão/pluralidade é indicada no determinante, como se pode ver nos exemplos de (1).

(1) (a) *O menino*; (a') *O_s menino*; (b) *O menino pequeno*; (b') *O_s menino pequeno*

No interior da oração como um todo, a flexão/pluralidade continua sendo indicada apenas no determinante da locução sujeito. Em (2) temos dois pares de exemplos, com uma oração no singular e sua correspondente plural.

(2) (a) *O menino brinca*; (a') *O_s menino brinca*; (b) *O menino pequeno brinca*; (b') *O_s menino pequeno brinca*.

Tanto a gramática tradicional quanto as teorias linguísticas mais modernas, como a sociolinguística variacionista, interpretam os dados de (1) e (2) como se lhes faltasse alguma coisa: concordância N-A (núcleo adjunto) em (1) e concordância S-V (sujeito-verbo) em (2). Pois bem, a linguística ecossistêmica os interpreta como eles são, não como o seguidor desta ou daquela teoria linguística acha que deveriam ser. O linguista ecossistêmico procura pelas propriedades de seu objeto de estudo, o que significa que ele procura pelo que esse objeto tem, não pelo que ele não tem.

4.2 FONOLOGIA

No sistema fonológico, a linguística ecossistêmica mostra que há palavras com os esquemas silábicos /pr/, /kr/ etc., como em *prato*, *pranta* 'planta', *reclamá* 'reclamar' etc. Isso é muito diferente de dizer que [l] vira [r] nessas posições. Assim, estaríamos partindo do português estatal/urbano e considerando o rural uma derivação (para pior) dele.

Existe a sequência vogal + semivogal + vogal [VSV], como em *saia* [saya], *Caio* [kayu], *foia* [foya] 'folha', *teia* [teya] 'telha' etc. Eu não disse que "o fonema /λ/ (de 'folha') é substituído pela semivogal [y]". Eu disse que na linguagem de Major Porto existe o fonema /y/, como nos exemplos dados.

Quanto à tonicidade, só há dois padrões. A esmagadora maioria das palavras está no padrão paroxítono, como *verdãde*, *capelinha*, *menino*, *córgo* (córrego) etc. As demais são oxítonas. Aí entra o infinitivo dos verbos, como em *cantá*, *vendê*, *partí* e *pô*. Nesse padrão entram também alguns substantivos, como *avô* e *avó*. Entram também as palavras terminadas em "r" e em "l", como *calôr* e *Parmítal* (topônimo). Aliás, este último exemplo mostra uma especificidade da linguagem de Major Porto frente a outras variedades do português rural: em muitas delas o "l" não ocorre em posição pós-vocálica, em todas as posições da palavra, como em *hospitar* e *Parmítar*. Na variedade de Major Porto, o "l" só não ocorre em posição medial; no final de sílaba final, sim, ele ocorre, como em *Parmítal*.

Quando eu disse que *córgo* é paroxítono não estou dizendo que a palavra resultou da queda da postônica de "córrego". Quando expus o infinitivo dos verbos não disse que o "r" final caiu. Pelo contrário, ele simplesmente não existe na linguagem local. A linguística ecossistêmica não diz que o "l" vira "r" em algumas posições: ele pura e simplesmente não ocorre nelas.

Por fim, gostaria de falar da colocação pronominal. As gramáticas tradicionais apresentam uma grande quantidade de regras para o uso dos pronomes átonos oblíquos no português estatal. Deixando de lado o fato de nem no português urbano essas regras serem obedecidas à risca, gostaria de salientar que na linguagem de Major Porto só há uma regra de colocação dos pronomes: se o pronome é tônico, vem após o verbo; se átono, antes dele. Essa regra não admite nenhuma exceção. A primeira parte da regra (pronome tônico vem após o verbo) pode ser exemplificada com *eu vi*

ele, ele num convidô nóis, ela gostô d'ocê etc. A segunda parte (pronomes átonos vem antes do verbo) pode ser vista nos exemplos *me contô; me dá; eu te vi*. A regra prevalece independentemente de haver alguma outra palavra antes do pronome. Prevalece também se o pronome tônico vem precedido de preposição (*d'ocê*) ou não (*vi ele*).

4.3 LÉXICO-SEMÂNTICA

Talvez seja na área do vocabulário que a linguagem de Major Porto apresenta mais diferenças relativamente à urbana/estatal. Aí se incluem os topônimos (microtopônimos), os antropônimos, os fitônimos (nomes de plantas) e os zoônimos (nomes de animais). No âmbito do vocabulário geral, encontram-se alguns arcaísmos e algumas expressões fixas. Entre os arcaísmos, ou seja, termos que já não são usados nas cidades, poderíamos mencionar palavras como *derradero* (último), *em riba* (em cima), *mode* (a fim de que) e outros. Alguns deles tendem a desaparecer; só são usados por pessoas bastante idosas e nas fazendas mais afastadas.

No caso da antroponímia, sobressaem-se os apelidos. Grande parte dos moradores do local são conhecidos por apelidos, fato comum a praticamente toda comunidade rural do Brasil. Já existem alguns estudos sobre o assunto. Mas, como minha pesquisa ainda está no início, não vou entrar nessa área no momento. Na seção seguinte, comento a historicidade de um apelido que já foi usado localmente.

Muito importante também é o significado das palavras. A esmagadora maioria das palavras da linguagem local apresenta acepções diferentes das que tem na urbana/estatal. Infelizmente, porém, tampouco essa área será explorada no momento. Fica aqui apenas o registro desses fenômenos, que espero poder investigar no futuro.

5 DIVERSIDADE, EVOLUÇÃO, COMUNHÃO

Há muitos outros conceitos ecolinguísticos importantes para o estudo dos fenômenos da linguagem. No momento, eu gostaria de salientar apenas mais três, ou seja, diversidade, evolução e comunhão.

A **diversidade** é de importância vital para a sobrevivência dos ecossistemas biológicos: quanto mais espécies vivas eles contiverem, mais ricos e pujantes serão; quanto menos espécies, mais pobres e vulneráveis. Nos ecossistemas linguísticos dá-se o mesmo. Uma língua/cultura com poucas possibilidades expressivo-comunicativas seria muito pobre: na melhor das hipóteses, os falantes dessa língua teriam que recorrer a muitos empréstimos de outras línguas. Logo, quanto mais possibilidades de se dizer a mesma coisa, mais matizada e rica será a linguagem. Quanto menos, mais pobre. A linguagem de Major Porto é uma das manifestações da diversidade linguística brasileira. Ela é bastante rica, possibilitando a seus usuários serem muito criativos linguisticamente. Alguns são mais loquazes, outros menos.

A língua é dinâmica, está sempre se adaptando às novas necessidades expressivo-comunicativas de seus usuários. Adaptar-se é mudar, de modo que toda língua está sempre em constante **evolução**, equivalente da sucessão ecológica da ecologia biológica. Eugenio Coseriu enfatizou essa característica da língua em toda sua obra. De acordo com ele, “a língua muda para continuar funcionando como tal” (COSERIU, 1979). Cada geração tem suas necessidades expressivo-comunicativas, portanto, precisa de novos modos de expressão. Língua que não evolui não se adapta às novas circunstâncias dos falantes, entrando em obsolescência e, eventualmente, morrendo.

Há traços do português de Major Porto que não se veem no urbano nem no estatal. Mas, sua linguagem também evolui, acompanha a evolução da comunidade. Na primeira visita a Major Porto, notei o uso da gíria “vazar” (ir embora, sumir, dar o fora) *ele vazô*. Certamente isso se deu devido à influência da televisão. Mas, como mostram alguns estudos anteriores desta linguagem, até os apelidos – que existem em grande quantidade – mudam. Vejamos apenas um exemplo: até o início da década de setenta do século passado havia um menino que era conhecido como *Churim* (Chorinho). Um pouco mais tarde, como ele se tornou professor de uma escola local, passou a ser chamado de *Zé Professor*. Da década de oitenta em diante, ele se mudou para uma cidade de Goiás, com o que também esse nome desapareceu da linguagem de Major Porto (COUTO, 2007, p. 265-266).

A **comunhão** é o equivalente das relações harmônicas da ecologia biológica. Ela é de fundamental importância não só para a existência da própria comunidade, mas também para as interações comunicativas que se dão em seu interior. Só há interação comunicativa prototípica se os comunicantes entrarem em comunhão, que é uma predisposição, uma boa vontade para apreender o que o outro quer dizer. Aliás, pode haver comunhão até no silêncio.

Em comunidades de fala pequenas como a de Major Porto, diversas manifestações linguísticas refletem o estado de comunhão, como se a comunidade fosse uma família estendida. No seio da família temos as relações de pai/mãe-filho/a, que, ainda verticalmente podem subir para *avô/avó*, *bisavô/bisavó* e até a *tataravô/tataravó*. Para baixo pode continuar em *neto/neta*, *bisneto/bisneta* etc. As relações familiares extrapolam o domínio da família nuclear, como pode ser visto em *tio/tia* (irmão/ã do pai/da mãe), *sobrinho/sobrinha* (filho/a do irmão/ã) e em *primo/a* (filho/a do irmão/da irmã do pai/mãe). Finalmente, temos aquele/a que batizou o/a filho/a de alguém, o *cumpadi/a cumadi*. As localidades são indicadas pelo nome do morador mais próximo: *perto do fulano*, *depois do beltrano* etc.

Há outras manifestações da comunhão que existe entre os habitantes do local. Uma delas é o tratamento *sô*. Comunhão em nível comunitário pode ser vista ainda no modo de se dar nome às pessoas, e o nome local geralmente é um apelido, como mostraram pesquisas realizadas por outros pesquisadores (COUTO, 2007, p. 265-274). Grande parte desses apelidos revelam vínculos familiares, como é o caso de *Zé do Juca*, *Maria do Agripa*, *Darva do Zé Professor* e *Maria do Pedo Negão*. Esses quatro apelidos revelam a “pertença” da mulher ao homem (como se sabe, nas sociedades rurais ainda prevalece o patriarcalismo, em grande parte). Os casos de “pertença” de homem a mulher, quando há, em geral é de filho para mãe, como *Fio Mélia* (o Filho da Amélia), *Nego da Chiquinha* e *Joãozinho da Maria do Pedo Bia*. Este último nome é interessante porque mostra uma “pertença” tripla. O *Joãozinho* é da *Maria*, que é do *Pedo* (o marido), que trabalha para a família dos Bias (*Bia*).

É a comunhão existente entre os membros da comunidade que permite o entendimento de enunciados que aparentemente infringem as regras sistêmicas, de que se pode ver um exemplo em Couto, Couto e Borges (2015, p. 118-121). Afinal, comunhão é um tipo de compartilhamento espiritual ou mental, e eles compartilham muito mais informações e conhecimentos – sobre a vida da localidade e até de outros fatos – do que os falantes de português urbano, para não falar do estatal. Isso se deve ao fato de terem mais contato uns com os outros, de conviverem num espaço pequeno e se verem praticamente todo dia. Enfim, pelo fato de compartilharem um mesmo destino.

6 OBSERVAÇÕES FINAIS

Gostaria de reiterar a tese de que a linguagem de Major Porto foi caracterizada pelo que ela tem, não pelo que não tem, como fazem muitos modelos teóricos, como a sociolinguística varia-

cionista, para a qual ela não tem concordância de número verbo-sujeito, a oração, nem núcleo-adjunto, na locução nominal. Para essa teoria ela não tem o fonema /λ/, que é substituído por /r/, não tem proparoxítonos etc. Levando essa ideia a suas últimas consequências, poderíamos dizer que o falar de Major Porto se caracterizaria por não ter mesóclises, ênclises e muitos outros traços presentes no português urbano e no estatal. Assim sendo, ele seria uma variedade linguística mutilada, aleijada, uma vez que lhe falta tanta coisa. Mas, para a linguística ecossistêmica ela é uma linguagem perfeita, a que melhor atende as necessidades expressivo-comunicativas de seus usuários.

A sociolinguística variacionista deixa transparecer que as variedades rurais do português são derivadas das urbanas e da estatal, uma vez que são “variação”. Ora, variação é um tipo de desvio do “padrão”, logo, algo pior. Mas, como disse o ecolinguista catalão Albert Bastardas, as coisas não são bem assim. Em suas palavras,

com muita frequência as variedades padrão prescritas [...] são percebidas como se se tratasse dos códigos originários dos quais proviriam os chamados ‘dialetos’, que seriam formas mal faladas e, portanto, incorretas das supostas ‘línguas’. Na realidade, o processo é justamente o contrário. Não são os ‘dialetos’ que provêm da ‘língua’, mas sim o ‘padrão’ normativo que pegou a maioria de suas formas de algumas das formas vernáculas (BASTARDAS, 2000, p. 20).

ou seja, as formas populares, regionais, rurais.

Diante dos exemplos e da argumentação apresentada, creio ter ficado claro que a interpretação linguístico-ecossistêmica da linguagem de Major Porto mostra que ela tem uma relativa autonomia frente às demais variedades do português. Exatamente como a linguagem urbana e a estatal também a têm. Cada uma delas pode ser estudada em si e por si. O que é mais, cada uma delas poderia existir sem as demais. As três formam a rica diversidade “dialetal” do português brasileiro.

*Nota

Aqui são apresentados os primeiros resultados de um projeto de pesquisa (PQ) do CNPq, n. Processo: 301184/2017-8.

REFERÊNCIAS

- BASTARDAS, A. *Ecologia de les llengües: Medi, contacte i dinàmica sociolingüística*. 2. ed. Barcelona: Proa, 2000.
- BENVENISTE, É. O aparelho formal da enunciação. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 1989. p. 81-90.
- COSERIU, E. *Teoría del lenguaje y lingüística general*. Madri: Gredos, 1967.
- COSERIU, E. *Sincronia, diacronia e história*. Rio de Janeiro: Presença: Edusp, 1979.
- COUTO, H. H. do. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.
- COUTO, H. H. do. Linguística ecossistêmica. *Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem*, v. 1, n. 1, 2015. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/15135/10836>. Acesso em: 1 fev. 2018.

COUTO, H. H. do. Comunidade de fala revisitada. *Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem*, v. 2, n. 2, p. 47-72, 2016. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/erbel/>. Acesso em: 1 jul. 2018.

COUTO, H. H. do; COUTO, E. K. N. N. do; BORGES, L. A. de O. *Análise do discurso ecológica (ADE)*. Campinas: Pontes, 2015.

FILL, A. (org.). *Sprachökologie und Ökoluinguistik*. Tübingen: Stauffenburg, 1996.

FINKE, P. Sprache als missing link zwischen natürlichen und kulturellen Ökosystemen. In: FILL, A. (org.). *Sprachökologie und Ökoluinguistik*. Tübingen: Stauffenburg, 1996. p. 27-48.

STROHNER, H. Die neue Systemlinguistik: Zu einer ökosystemischen Sprachwissenschaft. In: FILL, A. (org.). *Sprachökologie und Ökoluinguistik*. Tübingen: Stauffenburg, 1996. p. 49-58.

TRAMPE, W. Ökosysteme und Sprache-Welt-Systeme. In: FILL, A. (org.). *Sprachökologie und Ökoluinguistik*. Tübingen: Stauffenburg, 1996. p. 59-75.